

MARIA: ÍCONE DO MISTÉRIO DE CRISTO. A FUNÇÃO DE MARIA NO PROJETO DE SALVAÇÃO SEGUNDO A CONSTITUIÇÃO DOGMÁTICA LUMEN GENTIUM

MARY: ICON OF THE MYSTERY OF CHRIST.
MARY'S FUNCTION IN THE SALVATION PROJECT ACCORDING TO THE
DOGMATIC CONSTITUTION LUMEN GENTIUM

Matheus Henrique Luchesi¹

RESUMO: O presente trabalho consiste em apresentar de maneira sistemática, bíblica e conceitual, a figura expressiva de Maria enquanto ícone do mistério de Cristo e, sua função mediante o projeto de salvação. Essa tarefa será desenvolvida por meio de uma abordagem hermenêutica, histórica e reflexiva das diversas obras a serem analisadas. Para aprofundar o estudo sistemático sobre a mãe de Jesus - a Virgem Maria, debruçarei sobre alguns aspectos que perpassam a Tradição da Igreja, os santos Padres, o Magistério e a própria teologia enquanto *locus theologicus*, realizando assim, uma ligação de seus respectivos resultados com a Eclesiologia. Entretanto, apresentar a figura de Maria num contexto marcado por resquícios da história e fragmentos da modernidade, obriga-nos a retornar as fontes primordiais do cristianismo e dialogar com os valores hodiernos a partir de uma proposta eclesial estudada e aprofundada na Constituição Dogmática Lumen Gentium. Contudo, a figura de Maria será o fio condutor que nos guiará das extremidades históricas a luz da contemporaneidade, e nos fará compreender a eficácia da ação reveladora de Deus na atualidade.

309

Palavras-Chave: Maria. Mistério. Cristo. Salvação.

ABSTRACT: The present work consists of presenting, in a systematic, biblical and conceptual way, the expressive figure of Mary as an icon of the mystery of Christ and, her function through the project of salvation. This task will be developed through a hermeneutic, historical and reflective approach to the different works to be analyzed. To deepen the systematic study on the mother of Jesus - the Virgin Mary, I will look at some aspects that permeate the Church Tradition, the holy Fathers, the Magisterium and theology itself as *locus theologicus*, thus making a connection of their respective results with Ecclesiology. However, presenting the figure of Mary in a context marked by remnants of history and fragments of modernity, obliges us to return to the primordial sources of Christianity and to dialogue with today's values based on an ecclesial proposal studied and deepened in the Dogmatic Constitution Lumen Gentium. However, the figure of Mary will be the guiding thread that will guide us from the historical extremes in the light of contemporaneity, and will make us understand the effectiveness of God's revealing action today.

Keywords: Mary. Mystery. Christ. Salvation.

¹ Bacharelado em Teologia pela Universidade Cruzeiro do Sul, licenciado em Filosofia pela Instituição Claretiano Centro Universitário, especialista em aconselhamento filosófico pela Instituição Claretiano Centro Universitário, pós-Graduação em Neurociência pela FCE Faculdade Campos Elíseos; Pós-Graduação: Educação Musical pela FCE- Faculdade Campos Elíseos. E-mail: matheusluchesi@hotmail.com.

INTRODUÇÃO

A teologia fundamental é o motor mobilizador dos questionamentos sobre a identidade, objetos e métodos. Suas raízes estão alicerçadas no Antigo e Novo Testamento. Por ela, é possível dar razões de nossa esperança, dialogar com outras ciências e defender racionalmente a fé. *“Estai sempre prontos a responder, embora com doçura e respeito, a todo aquele que vos peça a razão da vossa esperança”*. (1Pd 3,15). Suas implicações permitem-nos resgatar dados históricos da revelação presente na história. No entanto, o conjunto de suas relações denota o mistério da revelação: a auto-comunicação de Deus, o encontro entre Deus e o homem, noções cristãs de Deus, a encarnação, paixão, morte e ressurreição, como também a resposta humana. Existe nesse processo o dado da incompreensibilidade, uma inesgotável compreensão de Deus.

A figura de Maria é imprescindível para o acolhimento dos dados revelativos. Através da anunciação e encarnação do seu Filho Jesus Cristo, Deus escolhe o lugar dos pobres para fazer morada. Tal encarnação consiste por dois motivos: o pecado humano que supõe a graça e o amor gratuito de Deus originário de si mesmo. Portanto, o lugar social da revelação é a história e o lugar sócio-teológico da encarnação é o mundo dos pobres, prefigurada na figura da Virgem de Nazaré. Sendo assim, a figura de Maria apresenta alguns conceitos primordiais para a efetivação e restauração da humanidade, sendo eles: a enculturação, a historicidade, a missão, o impacto no mundo, a realização das promessas de Deus, a revelação de um Deus dos pobres e forte e a conversão ao reino.

Contudo, o presente trabalho baseia-se num estudo aprofundado da Mariologia, a fim de compreender o mistério do plano de salvação aos homens. Sendo assim, o método utilizado para a realização do trabalho possui cunho histórico e reflexivo acerca da fé. A estrutura do trabalho perpassa os elementos mariológicos e conectam-se com os conceitos eclesiológicos. A mariologia efetiva-se a partir dos seguintes preceitos: Maria na Bíblia, Maria Mãe de Jesus e Maria Mãe de Deus. Enquanto a eclesiologia denota: as dificuldades da Igreja, os princípios sociológicos e teológicos da igreja, os fundamentos bíblicos da igreja, as linhas de forças eclesiológicas e as dificuldades da igreja futura. Portanto, compreender a função de Maria no mistério de Cristo, é trazer a nossa própria realidade o plano de Deus para com a humanidade.

O Tema escolhido para o estudo - *Maria; ícone do mistério de Cristo*, nasce da experiência pessoal e existencial do próprio autor, enquanto cristão e cidadão cultural. Elevar a figura de Maria ao padrão iconográfico, significa compreender a sua função e

responsabilidade no projeto de salvação. Tornando-a objeto de devoção, Maria abre portas e caminhos para a compreensão do mistério de Cristo, e possibilita a comunicação espiritual, religiosa, cultural e social nos tempos hodiernos. Cabe-nos, portanto, ressaltar fatores que contribuíram para transformar a imagem de Maria como referência divina, familiar e eclesial. A iconografia é importante para o aprendizado e desenvolvimento das diversas áreas científicas, pois demonstram a função universal do objeto em relação a mensagem a ser transmitida.

A imagem de Maria foi e continuando sendo motivo de contradições em âmbitos religiosos. A crítica provém da devoção propriamente dita, pois reduzem o sentido escatológico da iconografia a uma idolatria. Diversos autores defendem a posição universal e o sentido paradigmático da iconografia, afim de propagar a devoção a Virgem Maria e o estudo mariológico. O autor Kater filho² (2014), apresenta em seu exemplar “*Como falar de Maria*” aspectos relevantes que retomam essa discussão, e por isso, diz:

Da mesma forma que falamos de nossas mães queridas, vivas ou falecidas; tomados por sentimentos afetivos, muitas vezes acompanhados de lágrimas que brotam de nossos olhos, com esse brilho especial que aviva nossos olhares: é assim que vocês precisam falar desta outra Mãe comum e maravilhosa que nós temos no Céu: Nossa Senhora. (KATER FILHO, 2014, p.19).

Partindo desse pressuposto, o estudo aqui realizado contempla as indagações atuais pertinentes ao estudo mariológico descrito na trajetória desse trabalho. Para maior efetivação dos conceitos aqui inseridos, debruçaremos na análise textual dos diversos autores: Andrés Torre Queiruga – *Repensar a revelação: a revelação divina na realização humana*, Gisbert Hreshake – *Maria Ecclesia: prospettive di una teologia e una prassi ecclesiale fondata in senso mariano*, Afonso Murad – *Maria toda de Deus e tão humana*, José M. Castillo – *Jesus: A humanização de Deus*, José Antônio Pagola – *Jesus: Aproximação histórica*, Gabriele Amorth³ – *O Evangelho de Maria: A Mulher que venceu o mal*, dentre outros.

O primeiro capítulo do trabalho apresenta a figura de Maria no Novo e Antigo testamento, como também a sua função no projeto de salvação. No entanto, busca-se a figura de Maria nas Sagradas Escrituras: a Virgem de Nazaré, e na Carta de Paulo que a define como

² Kater Filho – formado em Administração de Empresas, com especialização pela Escola Superior de propaganda e Marketing (ESPM), é mestre em comunicação pela USP, teólogo formado pelo Instituto Teológico Sagrado Coração de Jesus e autor de mais 10 livros. É casado, pai de cinco filhos e católico praticante, de missas e comunhão diárias.

³ Gabriele Amorth – nasceu em 1925 em Modena, na Itália. Depois de uma licenciatura em Jurisprudência, ingressou na Sociedade de São Paulo, onde foi ordenado sacerdote em 1954. Notável exorcista e perito em Mariologia, é membro da Pontifícia Academia Mariana Internacional dos Exorcistas. É autor de inúmeras obras versando sobre temas em que se especializou.

protótipo constituinte da revelação. O segundo capítulo retoma os conceitos oriundos do Novo Testamento, os evangelhos. Isto é, Maria segundo os evangelhos – A Mãe do verbo encarnado. E, por fim, o terceiro capítulo reúne elementos da mariologia, da eclesiologia e da modernidade. Apresenta a figura de Maria como uma corrente eclesiotípica a partir do Concílio Vaticano II. Nesse capítulo, Maria aparece como mulher libertadora, discípula e missionária. Ambos conceitos e fragmentos, estão baseados nos documentos da Igreja, sendo eles: o CELAM, o documento de Aparecida e a Lumen Gentium, fio condutor do nosso trabalho.

Contudo, pode-se dizer que para repensar a revelação divina na realização humana deve haver uma compreensão do mistério de Jesus Cristo. Maria, portanto, é a figura principal que permite-nos adentrar nesses mistérios. Maria é a estrela que nos guia para a eternidade. É a porta aberta do céu. Sendo assim, a importância desse trabalho está em assegurar as verdades da fé, formar seguidores conforme a tradição da Igreja, dialogar com a sociedade em vista da religiosidade e devoção popular, contribuir com a cultura contemporânea específica e incentivar a evangelização e missão.

I MARIA NO NOVO TESTAMENTO E NO PROJETO DE SALVAÇÃO

I I A FIGURA DE MARIA NAS SAGRADAS ESCRITURAS

Para falar de Maria, enquanto ícone do mistério de Cristo e compreender sua função no plano de salvação, cabe-nos refletir sobre alguns elementos históricos, bíblicos e conceituais que nos remete a figura de uma pessoa humana que viveu intensamente o tempo oportuno e optou pela causa mais sublime da história, sem medo de mergulhar em seus respectivos mistérios. Com base nos conceitos elaborados pelos estudos sistemáticos de Mariologia, coloco-me a refletir sobre a pessoa de Maria, a partir de sua dimensão humana e existencial, no qual encontraremos prefigurada nos textos bíblicos que trazem em si a imagem histórica da Virgem de Nazaré.

Alguns fatores denotam a complexidade da figura de Maria no Cristianismo. Por um lado, a enxergamos como uma simples mulher, escolhida para ser a Mãe de Jesus. Por outro lado, uma mulher digna de amor e veneração. Esse é o grande desafio que encontraremos ao logo dessa trajetória: distinguir etimologicamente e cientificamente a perplexidade entre os diversos modos de relacionar a imagem de “Maria do céu” e “Maria de Nazaré”, colocando sobre essa indagação fagulhas de fé, que nos remeterão ao cume mais precioso da vida da Igreja.

Por isso, perguntar sobre a existência de Maria é adentrar na história com ela e participar de sua própria identidade.

Quando perguntamos a um católico a importância de Maria, a resposta soa-nos um tanto desconhecida ou tecnicamente elaborada: “porque ela é a Mãe do salvador” ou “porque ela é nossa intercessora no céu”. Parece-nos evidente a maneira de se conjugar uma palavra ou fatos da história a partir de uma visão tradicional e o modo que herdamos de nossos antepassados. A visão tradicional apresentava Maria como o modelo simultâneo de mãe e mulher (MURAD, p.15). Porém, o problema de afirmar tal constatação é generalizar o estereótipo de mulher e reduzi-la somente a sua função maternal. Mas nesse intuito de desbravar a mais perfeita solicitude de Maria e sua função no projeto de salvação, percorreremos brevemente sobre o panorama histórico da vida da Igreja, para melhor compreendermos os fragmentos bíblicos que dizem respeito a sua pessoa.

Os primeiros séculos do cristianismo, fora marcado pela opção fundamental da fé, apontando a Maria e direcionando-nos a Jesus como um conjunto harmonioso da fé cristã. Todas as vezes que se falara da pessoa de Jesus, conseqüentemente referenciava-o com sua Mãe – Maria de Nazaré. Do ponto de vista teológico, a preocupação central estava na pessoa de Jesus, na sua humanidade e divindade. Partindo desses pressupostos, brotam tratados e dogmas que refletem a maternidade e virgindade de Maria, no qual perpassam o início do século III, especificando piedosamente a vida de Maria e, difundindo-se até o crescimento da devoção mariana.

São Bernardo de Claraval (1153) foi grande expoente do século ao elaborar o Tratado da Santíssima virgem, pois este predominou durante a Idade média como a forma mais concreta da piedade mariana. Época em que a figura de Maria é mais simbólica do que dogmática; cresce fortemente a iconografia mariana e esculturas que retratam os traços mais significativos de Maria. Entretanto, é possível relacionar a pessoa e imagem de Maria como ícone do mistério de Cristo, pois ela participa do plano divino já bem antes da criação ressignificando os valores humanos em caminhos de eternidade.

Em razão a Idade Moderna, essa concepção Mariológica tanto quanto piedosa e devocional se mesclam com elementos simbólicos e racionais da época, o que possivelmente afirmara São Luís Maria Grignon de Montfort (1716) em seu tratado da verdadeira devoção – Maria é rainha do céu e da terra. Dentre outros:

Anselmo, Bernardo e Boaventura, chegam a dizer que “ao poder de Deus tudo está submisso, até a virgem; ao poder da Virgem tudo é submisso, até Deus”. Esta é a tendência dominante: Mariologia

triumfalista e maximalista, dizendo que para Maria não há limites, nunca é demais exaltá-la (MURAD, p. 18).

Por volta do ano 1854 fora proclamado o dogma da Imaculada Conceição. Posteriormente, em 1950 devido a eficácia e o desenvolvimento comum da fé e da ciência enquanto fenômeno religioso, repercutiu ainda mais no âmbito eclesial, bem como nas comunidades de fé, um arcabouço de esperança transitável e inesgotável de graças, legitimando o dogma da Assunção de Maria. Esses fatores, permeabilizaram grandes feitos dos escritos que emergiram da tradição e possibilitaram a compreensão e preparação de novos dogmas sobre Maria, definindo-a como Medianeira de todas as graças. Devido as grandes turbulências e exigências que sofrera a Igreja nesse período, essa onda mariana foi perdendo a tonalidade e seu lugar na propagação da fé.

Com o Concílio Ecumênico Vaticano II, culminam muitas controvérsias sobre a Mariologia da época, o que pressupôs um retorno às origens e um novo paradigma Cristocêntrico, isto é, o foco da Igreja e dos exercícios eclesiais devem estar centrados na pessoa de Jesus. Partindo de bases bíblicas e históricas, viu-se uma grande preocupação: a Mariologia se tornar apenas um silogismo, devoção por devoção. Porém, após estudos e constatações, emerge a possibilidade de inserir e discutir tal assunto no capítulo VIII do documento da *Lumen Gentium*⁴, no qual une a figura de Maria ao mistério de Cristo e da Igreja. Sendo assim, a devoção mariana deve ocupar um novo lugar nas razões teológicas modernas, como também nas regiões e culturas incertas a esse novo pressuposto.

A Igreja sempre esteve atenta aos efeitos das inovações teológicas e doutrinárias. O Papa Paulo VI, forneceu vários elementos que reforçaram alguns aspectos do culto e devoção à Virgem Maria através de sua exortação apostólica: *Marialis Cultus*⁵ (1974). Ainda, pelejando sobre normas e definições a serem constatadas e reafirmadas em âmbito de fé, surge outra contribuição significativa por meio do Papa João Paulo II que publica a encíclica: *Redemptoris Mater*⁶ (1987), a fim de sistematizar biblicamente nos alicerces da tradição eclesial, alguns elementos que denotam a vida de Maria – Mãe de Jesus. O Papa infunde nessa mesma perspectiva de fé, a devoção e recitação do Santo Rosário (2002), não deixando obstar os mistérios da vida de Jesus.

⁴ CONCÍLIO VATICANO II. Constituição Dogmática *Lumen Gentium*, sobre a Igreja. São Paulo: Paulinas, 2013.

⁵ PAULO VI. Exortação Apostólica *Marialis Cultus*, sobre o culto a Bem-aventurada Virgem Maria. São Paulo: Paulinas, 1974.

⁶ JOÃO PAULO II. Exortação Apostólica *Redemptoris Mater*, sobre a Bem-aventurada Virgem Maria na vida da Igreja que está a caminho. São Paulo: Loyola, 1987.

Tendo avançado nessa relação histórica sobre a figura de Maria em seus diversos modos de interpretação na tradição da Igreja, cabe-nos retornar as devidas fontes – Sagradas Escrituras, para compreendê-la significativamente na sua função e valor perante o projeto de salvação para com a humanidade. Entretanto, nosso olhar se dirige para além da ação Magisterial nesse determinado momento, e volta-se para a divina vontade e amor de Deus que ainda hoje se faz presente na história. Os dados bíblicos apresentam Maria como figura excelentíssima da história da salvação confinada ao mistério de Cristo. Embora não seja destacado sua autobiografia nas Sagradas Escrituras, a sua vida efetiva e refletida no meio do povo, nos remete a valores transcendentais e teológicos que perpassam o núcleo central de Cristo e nos interpela a uma profunda exegese sobre a revelação divina. Ou seja, “ela é o ícone de todo o mistério cristão” (FORTE, p. 112). Sendo assim, Deus é antes de tudo, o princípio fundamental das escrituras, de tal maneira que o A.T e N.T, bem como os evangelhos suscitam aspirações do Espírito que confirma a Igreja em tal afirmação sobre a vida de Maria, Mãe de Jesus.

1.2 A VIRGEM DE NAZARÉ

Muitas pessoas têm a curiosidade de saber sobre a vida de Maria. Onde nasceu? Quem era seus pais? Qual seu estilo de vida antes de ser a Mãe de Jesus? Como conheceu José? Quais foram seus sentimentos mediante a morte e ressurreição de Jesus? Como foi o fim de sua vida? Esses questionamentos ainda hoje parecem estar obscuros para as pessoas que buscam significados e compreensões, ao invés de utilizarem dos mesmos para saltar na vida de fé. A bíblia por si própria não traz respostas detalhadas a respeito da vida de Maria, apenas relatos ou metáforas que nos remetem a pessoa que se sujeitou a fazer a vontade de Deus.

No início do cristianismo alguns movimentos e grupos cristãos se propuseram a investigar e responder tais questionamentos, porém caíram por terra suas expectativas quando tentaram afirmar tal solicitude sem uma base ou fundamento histórico que comprovassem a veracidade dos fatos por eles extraídos. Afirmavam no chamado Evangelho da infância de Maria – a figura de uma criança talentosa, excepcional, diferente de muitas outras crianças de sua época. Do ponto de vista bíblico, os livros do Antigo e Novo Testamento em comunhão com a tradição da Igreja abrangem aspectos positivos sobre a pessoa de Maria, pois tornam visíveis sua função materna no plano econômico da salvação.

O Antigo testamento apresenta de maneira breve e sucinta a figura de uma mulher virgem, que explicitamente carrega em si germes da humanidade e a hostilidade fundamental da vitória sobre a serpente: “Porei hostilidade entre ti e a mulher; entre tua linhagem e a linhagem dela; Ela esmagará a cabeça e tu lhe ferirás o calcanhar” (Gn 3,15). Do mesmo modo,

o profeta Isaías anuncia fatos da juventude de Maria, a ponto de profetizar na história presente o messianismo real, apresentando os valores primordiais da descendência de Davi que, conseqüentemente, fluirá como esperança para os fiéis: “Pois o Senhor mesmo vos dará um sinal. Eis que a jovem está grávida e dará à luz um filho e dar-lhe-á o nome de Emanuel” (Is 7,14). A humildade de Maria em acolher o projeto de Deus aparece como luz para os pobres e soberbos de coração, aqueles que não querem aderir um plano de fé. Essa promessa feita ao povo, enraizada e concretizada em Maria, terá seu ápice fundamental na encarnação de seu Filho – Jesus, que assume nela a sua própria natureza humana. Na perspectiva do Concílio Vaticano II, Maria de Nazaré representa um exemplo de vida leiga a ser seguida e contemplada.

De fato, Maria viveu como qualquer pessoa humana. Partilhou de suas condições humildes, superou desafios, compartilhou suas experiências com outras mulheres nos momentos que lhes fora oportuno e permaneceu fiel a vontade de Deus sem deixar-se “contaminar pelas ideologias e costumes” da época, manteve fortemente a tradição e os valores herdados por seus antepassados. Nesse sentido, Maria de Nazaré aparece como uma mulher simples, humilde, pobre, próxima do grupo dos excluídos e desvalorizados. Como afirma Frei Clodovis M. Boff em sua obra - *O cotidiano de Maria de Nazaré*⁷, a história de Maria vai se constituindo dia após dia, é uma história essencial, decisiva e eterna, no que diz:

A mãe de Jesus participou do destino do povo em sua vida suboceânica. A vida da jovem de Nazaré não foi marcada pelos chamados “grandes acontecimentos”. Ao contrário, foi entretecida por aquela infinidade de gestos ordinários que constituem a existência da grande massa das mulheres do povo. De certo era uma mulher privilegiada”. (BOFF, p. 6).

É visível a participação de Maria nessa situação social e humilde que nos remete a figura de uma mulher simples e atenta aos acontecimentos da vida e do dia a dia⁸. Portanto, faz-se necessário aprofundar em elementos essenciais que perpassam a sua vida cotidiana para adentrarmos aos eventos da eternidade que aos poucos se revela na história de Maria e de todo o povo de Deus. Conforme Santo Agostinho: “Não conhecemos qual era o rosto da Virgem Maria⁹. Mas como não imaginar aquela que ainda hoje transparece na doçura e na leveza de sua magnificência, brilhando sob a luz de seu filho Jesus? Ora, para construir esse mosaico e

⁷ O cotidiano de Maria de Nazaré: Nas palavras do Vaticano II: “Maria levou na terra uma vida igual a de todos, cheia de cuidados familiares e de trabalhos”. O cotidiano da Mãe de Jesus era cheio de tradições, tarefas e relacionamentos familiares.

⁸ Cf. Livro de meditação do profético bispo italiano Antônio BELLO, *Maria donna dei nostri giorni*, Cinisello Balsamo (Mi), Paoline, 1993, do qual há uma tradução em português, publicada pela vozes (Petrópolis, 1995).

⁹ De Trinitate I. VIII, c.5; PL 42, 952.

contemplar essa exímia imagem, procuro através de estudos específicos, analisar os hábitos e costumes da Mãe de Jesus a partir dos dados bíblicos e da obra já mencionada, para então perceber de maneira mais clara a identidade da pessoa, Maria de Nazaré. Embora os textos bíblicos, os evangelhos nos remetam a mensagens religiosas, as fagulhas que sopram em nossa direção emergem desses acontecimentos empíricos aí relatados, no qual o mistério cristão se apoia para desvendar a história de salvação. Portanto, Maria por ser a “mulher da encarnação” torna-se protagonista de uma vivência concreta, experimentada e atualizada na história. Seu nome Maria, provém de origem Judaica e, em hebraico se diz: Miryam¹⁰, figura de grande relevância no Antigo Testamento, irmã de Moisés e Araão. Esse fato, traz legitimidade a sua pessoa enquanto figura feminina expressiva no Novo Testamento que, a reconhece como artífice das contrariedades sociais e econômicas da época. Seu nome, portanto, carrega um legado histórico que, na ótica da fé recebe um novo caráter escatológico.

Havia entre os judeus o costume de colocar em seus filhos o nome de acordo com as circunstâncias dos tempos em que viviam (...) Nesse contexto, o evangelista Lucas menciona o nome da Virgem de Nazaré como se quisesse dizer: “A situação de então era de tamanha amargura que ela teve de se chamar com o nome de todos os amargurados!” (PAREDES, p.30).

Numa cidade pobre chamada Nazaré¹², Maria constrói sua história e desvela o sentido mais sublime da ação de Deus, que se revela cotidianamente em suas tarefas de Mãe e mulher. Sendo assim, podemos afirmar que “ela foi instruída por Deus na escola da vida, onde aprendeu a humildade, sabedoria e amor que mais tarde transmitira a Jesus. Ela era sua melhor professora, e ao mesmo tempo, sua discípula. Sua pobreza pode ser descrita como confiança e abandono no Deus de Jesus, em quem ela colocou todo o seu amor” (BOFF, p.102). O primeiro pensamento de Maria estava ligado ao eterno, ao abrir os olhos pela manhã pronunciava a

¹⁰ Amrão e sua mulher Jocabed, filha de Levi, nascida no Egito, tiveram três filhos: Araão, Moisés, e Maria, sua irmã: Nm 26,59; 1Cr 5,29. Cf. Le Deaut, R., Myriam, soeur de Moisé, et Marie, mere du Messie, em *Biblica* 5 (1964), 198-219.

¹¹ Martinho Lutero, *Predigt vom Tage Maria Verkündigung*, 23. Marz 1521: LW 9,627. “Seu pai Joaquim a chamaria Miriam, ou seja, tristitia, ao contemplar a péssima situação daquela terra por causa do governo arbitrário de Heródes. Diria: seu nome é Maria, Tristeza. Martinho Lutero, *Tischrede. Ergänzungen*, n. 7151: LW 48,69.

¹² Nazaré encontra-se no extremo sul da baixa Galiléia. Está construída a mais de 300 metros de altura e tinha uma única fonte. Estava isolada dos caminhos mais frequentados. Era uma aldeia e encontrava a uns 4 ou 6 quilômetros de Séforis (PAREDES, 2011, p. 39).

oração de bênção, conforme o costume judaico – a *Berakhá*¹³, que se inicia proclamando: “Bendito seja o Senhor” pelos bens que nos concedestes, pela vida que nos destes, etc.

A casa de Maria representava a simplicidade daquela cidade. Parecia uma gruta escavada com rochas calcárias. Devido as condições econômica da época, sua casa não podia ser repleta de apetrechos ou materiais exímios. O pátio da casa apresentava alguns aspectos da ascendência davídica, uma vez comparado com as promessas messiânicas (Mt 1,1). Como qualquer outra família, Maria também gosta de viver ao ar livre, onde possa energizar parte de suas atividades em função dos encontros com outras mulheres do clã. Respeitando o costume feminino¹⁴, após as tarefas da casa, Maria sempre buscava água na fonte, afim de realizar a comensalidade familiar. Ela tem noção da situação social e política de seu tempo, porém sua maior confiança está em Deus e nos costumes judaicos. Sendo assim, as atividades rotineiras de Maria, nos apontam uma nova perspectiva de vida na graça, pois nela e por ela se detém o projeto da salvação, uma vez perceptível e expresso na criação humana que, economicamente vai se constituindo como elemento salvífico que por fim, se prefigurará e concretizará no mistério de Jesus Cristo, filho de Maria.

1.3 A CARTA DE PAULO: PROTÓTIPO CONSTITUINTE DA REVELAÇÃO

O Novo Testamento apresenta a figura de Maria apenas em alguns escritos e relatos. Paulo na sua Cartas aos Gálatas (53-57 d.C) menciona pela primeira vez o nome de Maria fazendo referência as suas respectivas funções de vida e, colocando-a como a mulher mediadora da encarnação (Gl 4,4). Paulo apresenta a figura de Maria como uma mulher virgem, que participa do projeto de salvação de maneira integral, a ponto de prefigura-la como Mãe do Senhor e razão primordial da humanidade. Ao falar de Maria e retomar alguns aspectos relativos a sua pessoa, Paulo antecipa a relação que se obtém de Maria com a Eclesiológia, pois deixa transparecer dentro do tempo e do espaço a plenitude divina que se estabelece na figura da Igreja como o “Corpo de Cristo”. Portanto, em Maria se formou o corpo de seu Filho – Jesus, o Cristo (Hb 2,14), “o Filho de Deus”, “nascido de uma mulher”. Do ponto de vista eclesiológico, essa expressão paulina retoma as duas naturezas de Jesus: humana e divina. Isto é, em Jesus e Maria se estabelece um novo modelo de vida, porém não ultrapassa

¹³ *Berakhá*: principal forma litúrgica hebraica. Usa-se pela forma de agradecimento ou pela execução de um preceito. Pode ser usado no início ou final de uma oração.

¹⁴ Segue a tarefa diária de Maria de Nazaré: “Depois de arrumar a casa, a primeira copisa que Maria tem que fazer, é buscar água – trabalho essencialmente feminino (BOFF, 2014, p.27); além de outros costumes que lhes insere na tradição judaica.

o plano de salvação, mas nos remete a obra da criação e a singularidade de cada pessoa humana enquanto partícipe desse mistério salvífico.

As palavras de Paulo na Carta aos Efésios, denotam esse plano divino de maneira mais efetiva, pois apresenta-o em sua universalidade partindo do princípio constitutivo da história: “Façamos o homem a nossa imagem, como nossa semelhança” (Gn 1,26). Maria já participa do mistério de Cristo antes mesmo de ser designada a contribuir nessa obra de salvação. Como afirma Paulo na sua Carta aos Efésios, ela é eleita pelo Amor e escolhida para gerar o amor, pois em Jesus, Deus – Pai “nos escolheu antes da formação do mundo, para sermos santos e irrepreensíveis diante dele nesse mesmo amor” (Ef 1,4). Sendo assim, por Maria nos veio a salvação e, através de sua função e participação no plano divino nos foi revelado plenamente elementos constitutivos da eternidade.

Paulo compreende cada pessoa humana em sua totalidade, enquanto membros e povo escolhido por Deus, mas reserva a figura de Maria uma singularidade especial, enfatizando seu papel como “Mulher” e “Mãe de Jesus”. Demonstra expressivamente como Maria é introduzida no mistério de Cristo e revela sua participação na obra da salvação. Assim, a promessa se cumpre em Maria desde o início da história com Abraão, transcendendo gerações e gerações através da herança filial. Isto é, a promessa em Maria se realiza de forma universal. Por isso, o Antigo testamento prepara aquela que haveria de ser a protagonista da história na “plenitude dos tempos”, a fim de se realizar no Novo testamento como acontecimento vivo e eficaz da obra redentora da humanidade. Sendo assim, é possível compreender a figura de Maria enquanto ícone do mistério de Cristo através dos Evangelhos que retratam definitivamente aspectos notórios de sua função salvadora.

2 MARIA: MÃE DE DEUS E DA IGREJA

2.1 MARIA, SEGUNDO OS EVANGELHOS

Os evangelhos tratam sobre a vida de Jesus e sua atividade operante no mundo. A referência que temos de Maria nos evangelhos é apenas para mostrar sua função contínua como colaboradora no projeto de salvação que envolve o mistério de Jesus Cristo e a salvação da humanidade. Entretanto, cada texto bíblico apresenta a pessoa de Maria em suas diversas conotações e sentidos literários a partir de uma perspectiva Cristológica.

A figura de Maria aparece inserida nos seguintes Evangelhos: Marcos (64 d.C) enfatiza a importância de enxergar a pessoa de Maria num contexto familiar, ou seja, no grupo dos familiares de Jesus (Mc 3;31-35) ressaltando aspectos da sua vida adulta. Marcos rompe

com as funções da tradição e exalta a liberdade da pessoa humana que vive para servir o reino de Deus. Por isso, inicia seu evangelho com a figura de João Batista, o batismo de Jesus e a sua experiência no deserto. Num primeiro momento, o evangelista apresenta a atuação de Jesus como sinal do reino que acontece em meio a comunidade local. Esses sinais expressam teologicamente os valores fundamentais da fé e uma nova mentalidade cristã proposta por Jesus, sendo eles: a cura do leproso (Mc 2,22), o perdão dos pecados, a cura do paralisado (Mc 2,1-12), e o convívio com os marginais (Mc 2,13-17). O evangelista Marcos faz menção a um cenário que perpassa a trajetória de dois grupos em contraposição: os que não compreendem as atitudes de Jesus, não aderem seu estilo de vida (fariseus, escribas, herodianos) e, aqueles que o acolhem e colocam-se a caminho para segui-lo: o povo, as multidões e os discípulos (Mc 3,7. 13-15.20). Nesse sentido, os familiares de Jesus são aqueles que escutam sua palavra e a colocam em prática. Jesus ignora essa concepção familiar biológica e inaugura uma nova maneira de ser família, que exige uma opção fundamental para o seu seguimento: o amor e a fraternidade. Marcos pouco menciona a pessoa de Maria em seus relatos, porém ela participa silenciosamente de toda vida ativa do seu filho.

Mateus (70-80 d.C) mostra a ação de Jesus que rompe com os costumes e tradições da época e, por isso, é proclamado como o Messias de Deus. Entretanto, falar de Maria dentro desse contexto, exige um certo aprofundamento e originalidade nos escritos sobre o nascimento de Jesus e sua humanidade, a fim de descobrirmos o sentido funcional de sua maternidade. Mateus ao relatar os fatos sobre a vida de Jesus, percorre um caminho que emerge da raiz histórica sobre sua vida e desabrocha no contexto da ressurreição, ou seja, até a consumação dos séculos. No entanto, o nascimento de Jesus precede uma genealogia que conduz os escritos até Abraão (Mt 1,1-7). Isto é, a fé de Abraão atingiu sua plenitude em Jesus Cristo e, nele acontece a história da salvação. Maria participa dessa história e coopera de modo particular nessa missão de Jesus.

Na história da salvação a figura feminina aparece como o eixo teológico, exalta-se a fé, a virtude e a justiça humana. Para apreciar essa participação de Maria desde a genealogia de Jesus, cabe-nos ressaltar alguns dados referenciais que nos permitem compreender a construção edificada por Mateus em seus relatos.

O primeiro é a referência nela a cinco mulheres: Tamar, Raab, Rute, a que foi mulher de Urias, e Maria (...) três dessas mulheres aparecem na descendência imediata de Davi: Tamar, Raab e Rute. A quarta é a mulher de Urias, com quem Davi gerou Salomão. Ao finalizar a genealogia fala-se de outra mulher ascendência imediata de Jesus: Maria (PAREDES, p.48)

Nada será obstante na vida dessas mulheres sem a graça de Deus. Todas elas estão destinadas a exclusão, não podem conectar-se com a dinastia de Judá. Sendo assim, “através das quatro mulheres o evangelista Mateus vislumbra os traços da mulher que será a mãe do último e definitivo filho de Davi, do Cristo, do Filho de Deus” (PAREDES, 2011, p. 52). A virgem está grávida e dará à luz ao Salvador, o Messias – Filho de Deus. Maria é a esperança do povo que aguarda ansiosamente a chegada do Messias. Porém, nos deparamos com a figura de José, pai adotivo de Jesus, que vive constantemente um conflito que o aflige internamente para responder tal chamado. Faz-se necessário, como afirmara o profeta Isaías 7,14, que a vontade divina soe em seus ouvidos e os capacite para assumir a missão que lhe é confiada. A vontade humana deve corresponder a lógica divina, para que a graça exerça sua função sobre os conflitos existenciais.

No entanto, não está o relato do nascimento de Jesus a serviço da genealogia, mas sim a genealogia a serviço do relato do nascimento (PAREDES, 2011, p. 56). É preciso compreender que a mediação não é obra humana, mas do Espírito Santo¹⁵. Sendo assim, Maria possui o Espírito Santo como o agente de sua maternidade. Ela por si própria não pode ser mãe. Mateus, portanto, apresenta nessa atuação do Espírito que tudo é possível para aquele que crê. Esse fato é visivelmente explícito na vida de Maria, aquela que acreditou, tornou-se agora a origem de uma nova perspectiva messiânica e ponto referencial para a inauguração do novo reino de Deus e de seu povo. Dela nasce o Cristo, o homem absolutamente novo.

Lucas, destaca a misericórdia de Deus (Lc 15) e a presença de Maria no mistério da encarnação e Pentecostes. Portanto, a figura de Maria possui caráter profundamente teológico, enquanto testemunha privilegiada e obra constitutiva da bondade do Pai e ação do Espírito Santo. Segundo Lucas, Maria é a discípula de Jesus, aquela que instaura um novo reino de felicidade e alegria (Lc 4,18). Lucas esboça esse contexto salvífico a partir de alguns elementos do Antigo Testamento, como: lei, templo, autoridade, esterilidade etc. Exibe um panorama Cristológico e o insere nos relatos do último profeta (Lc 1,5-25) e a anunciação e visitação do anjo a Maria (Lc 1, 26-56). Sendo assim, a virgindade de Maria é descrita através da Epifania de Deus na arca da aliança (Ex 40,35). Ou seja, a arca é sinal representativo da esperança para o momento que se vive, é a glória de Deus. E, nesse momento, Maria está repleta da presença de Deus, pois carrega em si o germe da eternidade – Jesus o Filho de Deus. Uma nova aliança

¹⁵ Percebe-se que o Espírito Santo “exerce uma função ativa: o gerado nela é do Espírito Santo. O Espírito em todo caso não atua como esposo. A partícula empregada para expressar a ação do Espírito é EK. Precisamente a mesma partícula que empregou Mateus em sua genealogia cada vez que devia indicar a atuação feminina (PAREDES, 2011, p. 58-59).

é feita com a humanidade por meio de Maria. Ela acolhe essa novidade, nada pede, somente se lança no desconhecido acreditando em sua palavra. Entretanto, a saudação do anjo a Maria (Lc 1,28) possui um sentido apocalíptico (o fim chega a história). O modo do anjo se expressar “*Alegra-te, cheia de graça, o Senhor é contigo!*”¹⁶, representa o início de uma boa notícia, algo novo irá acontecer. Portanto, no Filho de Maria tudo é absoluto (Lc 1,15), o trono é dado como herança, não é conquistado.

Segundo Lucas, Maria não duvida como vai ficar grávida, apenas quer saber como isso irá acontecer se não conhece homem algum (Lc 1,34). Diante disso, podemos nos perguntar: como Deus pode gerar o seu filho na terra? Esse questionamento revela de certo modo a ação de Deus, justamente pelo fato de duvidarmos de sua bondade e graça. É nesse sentido que Lucas relaciona o acontecimento da palavra – com a *graça* que opera genuinamente os seus respectivos significados. A graça que atinge Maria é totalmente gratuita por parte de Deus, é dom de Deus, promessa única e particular oferecido a ela. Para Lucas, o protótipo de vocação preexiste na vida de Maria e, por isso, afirma que ela é a “ungida” – a consagrada por excelência.

No entanto, ao receber a notícia do anjo Maria dirige-se apressadamente¹⁷ a sua prima Isabel (Lc 1, 39-45). O desejo de Maria em expressar a alegria da ação de Deus em sua vida é muito grande. O efeito da graça transcende toda materialidade carnal e humana. Teologicamente, esse processo de recepção do anjo, a aceitação de Maria e seu peregrinar até Isabel – sua prima, traz à tona o método reflexivo teológico (*ver, julgar e agir*) que mais tarde se revelará numa nova imagem de Maria, enquanto figura representativa de Cristo: a Igreja. Pois, nela afirma-se a veracidade da constituição eclesial e a formação do novo povo de Deus. Entretanto, nesse tempo eventual da anunciação até a visitação, Maria já canta o *Magnificat*¹⁸; através seus gestos, atitudes e reação (Lc 1,46-56). Outro aspecto notório é a presença dos pastores no nascimento de Jesus (Lc 2,6-20), eles são os primeiros a receberem a notícia. Esse fato, traz em si a importância daqueles que zelam e conduz o rebanho. O fato dos pastores irem visitar a criança, expressa a crença e a fé em Jesus Cristo; sinal de esperança para as

¹⁶ O anúncio do anjo possui caráter escatológico: “*Alegra-te cheia de graça*”. Segundo a bíblia de Jerusalém, a palavra empregada e seguida do termo descrito, faz um apelo a alegria messiânica, eco do convite do profeta feito a Filha de Sião, e motivado, como ele, pela vinda de Deus em meio ao seu povo (cf. Is 12,6; Sf 3,14-15; Jl 2,21; Zc 2,14).

¹⁷ Maria visita sua prima Isabel. Entretanto, dirige-se apressadamente a uma cidade chamada Judá. Hoje identificada de preferência com o Oeste de Jerusalém.

¹⁸ O *Magnificat* inicia-se com uma explosão de alegria. Nada mais simples e saudável. Para Lucas, a alegria é um sinal claro dos novos tempos, no qual o Messias está no meio do seu povo (MURAD, 2014, p. 74).

futuras gerações. Portanto, Maria nos ensina apenas o protótipo de discípula: estar atenta a tudo o que acontece na vida, acolher a palavra de Deus, meditar e realizar a vontade de Deus.

João, apresenta Maria como “Mãe de Jesus”, revela nesse mistério a relação íntima de Jesus com o Pai, a ponto de afirmar conscientemente que Jesus é o Filho de Deus encarnado e enviado para a salvação do mundo. João faz uma ligação da entre a vida Jesus e Maria a partir do contexto das Bodas de Caná (Jo 2,1-2) e a hora da cruz (Jo 19,25-27). Alguns estudiosos dirão que existe uma continuidade entre o evangelho de João e o Livro do Apocalipse, no qual Maria possui a mesma função e sentido teológico. Em Apocalipse 12 o conceito abstrato de “Mulher”, faz menção as doze tribos de Israel e os Apóstolos, membros da Mãe que zela por cada filho. Assim, esse conceito “Mulher” e “Maria”, soa-nos teologicamente o modo de Deus se revelar na história. Percebe-se que o antigo prepara o novo afim de que se revele no “agora” da história. Sendo assim, pode-se afirmar que “pela revelação divina quis Deus manifestar-se e comunicar-se a si mesmo e os decretos eternos da sua vontade a respeito da salvação dos homens, para os fazer participar dos bens divinos, que superam absolutamente a capacidade da inteligência humana¹⁹.

No evangelho de João, a palavra “Mulher” retoma esse mesmo significado escatológico quando Jesus diz: “Que queres de mim, mulher²⁰? Minha hora²¹ ainda não chegou” (Lc 2,4). A conotação impressa no sentido literal da palavra remete-nos a hora da sua glorificação. Porém, esta é a hora da cruz, no qual Maria participa ativamente de seus sofrimentos, para mais tarde perpetuar-se de sua manifestação materna – “Mãe dos povos”. Nesse sentido, João ilumina a imagem de Igreja prefigurada em Maria, juntamente com os discípulos – seguidores de Jesus. João não apresenta a figura de Maria como mãe, mas como mulher. Seu objetivo é interpretar Maria a partir de uma visão teológico-espiritual. Nota-se que Maria não tem nome, mas título. Chamar uma pessoa pelo nome é exaltar a sua identidade. No entanto, dizer que ela é “Mãe” significa estabelecer uma relação da pessoa com sua própria identidade operante no mundo, ou seja, é mostrar-lhe significativamente o devido valor de sua função. É perceptível a relação espiritual entre Maria e a comunidade dos seguidores de Jesus. Portanto, a função de Maria é uma atitude originária de sua própria identidade encarnada

¹⁹ Conc. Araus. II, can. 7: Denz. 180 (377); Conc. Vat. I, l. C: Denz. 1791 (3010).

²⁰ O modo que Jesus trata sua mãe repetir-se-á em Jo 19,26 em relação com a passagem bíblica de Gn 3,15. 20, no qual Maria aparece como a Nova Eva, “a mãe de todos os povos da terra”.

²¹ A hora de Jesus é o momento de sua glorificação, do seu retorno ao Pai. O autor apresenta a intervenção de Maria apenas para demonstrar m sentido simbólico da revelação humana e explicar o caráter enigmático de sua missão terrena, que o prepara para a eternidade.

historicamente: ser discípula, estar próxima. Assim, a figura de Maria aparece somente no começo do evangelho e no fim da vida terrena de Jesus.

Maria aparece pela primeira vez no contexto da Bodas de Caná (Jo 2,1-1), início da vida pública de Jesus. Nessa narração contém diversos sinais que simbolizam pedagogicamente quem é Jesus. Para compreendê-los, exige-se uma profunda atenção aos fatos, que vai além das aparências. Maria, tem especial cuidado para com os noivos, os necessitados. Por isso, dirige a palavra: “Eles não têm mais vinho²²” (Jo 2,3). O vinho expressa a alegria. Se falta vinho, falta alegria na festa. Porém, do ponto de vista teológico ou até mesmo antropológico, o vinho está ligado a dimensão espiritual, falta a eles um novo modo de viver, uma nova mentalidade de vida, falta a presença reveladora de Jesus. Entretanto, a função de Maria é fazer a mediação dos homens com Jesus – o Cristo, vinho novo, da alegria. Pedagogicamente, Maria procura demonstrar a todos uma nova opção de vida a partir da pessoa de Jesus, a fim de que colaborem na sua missão: “Fazei tudo o que Ele vos disser” (Jo 2,5).

A mãe aponta para aquele que dará sentido para a vida e existência humana. Esse é o objetivo de João, ressaltar as relações que deve acontecer com Jesus. Não importa a identidade de cada pessoa, mas a relevância de adesão a fé que cada pessoa atribui a si mesma e a pessoa de Jesus. Percebe-se que ninguém possui um nome específico nos textos, somente Jesus. Sendo assim, Jesus resgata o sentido antropológico do “Ser” e estabelece uma ligação direta ao transcendente. João faz uma leitura Cristológica da pessoa de Jesus, ele veio para fazer a vontade de Deus e não a vontade humana. O que afirma esse fato é a sua hora na cruz. Somente quem ama chega até o fim. Na cruz, Jesus gera a maternidade de Maria e a constitui como Mãe. Nesse processo, Jesus preexiste como Filho de Deus. Por isso, pode-se dizer que a encarnação faz Maria - “Mãe” (Jo 19, 25-27). No entanto, não somos nós que elegemos Maria como mãe. É Jesus que oferece ela a nós como mãe. Sua maternidade corporal se estende a uma maternidade espiritual para todos aqueles que creem.

Maria a mãe de Jesus, que aparece no início de sua missão, em Caná, levando seus discípulos a acreditarem nele, volta de novo a cena. Dessa vez, não há nenhum sinal extraordinário. Ao contrário, o momento da cruz desafia a fé dos discípulos. Maria está junto de Jesus, não somente como a mãe sofredora. Ela faz parte do pequeno grupo que perseverou, que não fugiu no momento da perseguição e

²² O vinho era a bebida básica, espalhada por toda a parte, pois as famílias produziam e consumiam vinho caseiro. Numa festa, especialmente a de casamento, não podia faltar vinho. A festa acabaria tristemente (MURAD, 2014, p.91).

da crucificação de Jesus. É corajosa seguidora de Jesus, que permanece no seu amor (MURAD, p. 97).

Entretanto, na cruz Jesus comunica a graça a aquela que é agraciada. E ela transmite essa mesma graça a comunidade de fé. Jesus transforma a comunidade em “Filhos” quando diz: “Mulher eis o teu filho! Depois disse ao discípulo: “Filho eis a tua mãe” (Jo 19,26-27). Existe, portanto duas maneiras de se pensar a maternidade de Maria: permanente, onde o discípulo aprende amar como Jesus ama; ou espiritualmente, onde o discípulo nasce como Jesus nasceu, não através da carne. Assim, no momento que Jesus é glorificado pelo Pai, demonstra e revela a toda comunidade o sentido de seu ministério, a ponto de revelar a Igreja a maternidade na fé de Maria. Contudo, a figura de Maria adentra na história da salvação como o ícone do mistério de Cristo, capaz de iluminar a escuridão do tempo e gerar novas perspectivas de futuro.

2.2 O APOLCALIPSE

O livro do Apocalipse (90-100 d.C) traz em seus escritos uma imagem iconográfica e ao mesmo tempo escatológica de toda revelação divina impressa na vida de Maria e concretizada em Jesus Cristo, pois apresenta Maria como a mulher do povo de Deus, revestida das graças e algozes divinos. Já não necessita “Ser”, mas “é” o agora de Deus, portadora e geradora de Cristo na história. Isto é, a nova Eva: a Igreja. Pela maternidade de Maria, a Igreja descobre sua própria identidade como geradora e colaboradora de Cristo na história da humanidade. Ela tem por função gestar cada um de nós que somos o teu povo, chamados pelo batismo de “filhos de Deus”. Por isso, o livro apresenta a figura dessa mulher revestida com caracteres escatológicos, a fim de trazer para o tempo presente sinais da eternidade atualizada e concretizada na vida de cada cristão. Maria aparece como a mulher vestida de sol, com a lua sob os pés e, na cabeça uma coroa de doze estrelas (Ap 12,1-3). Essa simbologia, embora descrita num sentido figurativo, expressa a beleza da mulher adornada pela graça de Deus, sinal da transcendência divina que, perpassa escatologicamente os enigmas do tempo presente e traz para dentro da história elementos constitutivos do futuro. A luz que brilha sobre a mulher é doada pela glória de Deus que resplandece na humanidade triunfal.

Outro sinal aparece ao longo desse contexto, a luta da mulher contra o dragão (Ap 12,3-9). O combate da mulher contra o dragão é escatológico, pois o mal que lhe fora derrotado

na cruz por Jesus (Jo 16,11) ainda persegue o novo povo de Deus. A igreja²³ aparece como a figura dessa mulher que cuida de seus filhos e protege-os dos inimigos, livrando-os das ciladas do maligno. Por isso, ela também sofre “as dores do parto” quando se prontifica a derrotar o inimigo com as armaduras da fé. Nesse sentido, pode-se dizer que a cruz de Cristo ao apresentar a maternidade incondicional de Maria como fonte fundamental para a Igreja, torna-se instrumento de salvação e mediação entre Deus e os homens de fé. Sendo assim, compete a Igreja aderir o modelo de fé de Maria e dos discípulos como protótipo de fundamentação e organização criacional em vista de um mundo novo.

2.3 A MÃE DO VERBO ENCARNADO

Maria acolhe a novidade, nada pede, e se lança no desconhecido, ela crê na palavra. A graça a torna alegre e feliz, antecedendo a proposta do plano salvífico. A saudação do anjo tem sentido apocalíptico, ou seja, o fim chega a história. O termo “Alegra-se” que significa “Boa notícia” é o início de um sentido escatológico. A passagem bíblica de Lc 1;15 expressa esse caráter conotativo, pois no Filho de Maria tudo é absoluto. Portanto, o trono é dado como herança, não é conquistado. Em Lc 1;34 Maria não duvida da maternidade e gravidez, apenas questiona como isso vai acontecer. Percebe-se que o acontecimento é ato empírico. Como Deus pode gerar um Filho na terra?

A ação de Deus antecede qualquer qualitativo que ela pode ter. A ação é gratuita, dom gratuito, favor de Deus, promessa do Espírito Santo. O anúncio da graça é único e particular oferecido a pessoa de Maria. Para o evangelista Lucas, Maria é ungida, consagrada por excelência. Nesse sentido, a figura de Maria está sempre ligada a Palavra.

A humanidade, portanto, recebe o presente mais importante da história da salvação: a Mãe. Em Maria, encontra-se a ordem da criação quando se diz: “o Verbo se fez carne e habitou entre nós” (Jo 1,14). Na figura de Maria, a humanidade também se faz presente no mistério da encarnação por meio da contemplação, adoração e homenagens que a criação oferece aquele que nos escolheu bem antes da criação do mundo, como afirma a Carta aos Efésios: “somos filhos eleitos, escolhidos antes da criação do mundo, para sermos santos e irrepreensíveis” (Ef 1,4).

²³ A igreja só entrará na glória do reino por meio desta derradeira Páscoa, em que seguirá seu senhor em sua morte e ressurreição. Portanto, o reino não se realizará por um triunfo histórico da Igreja, segundo um progresso ascendente, mas por uma vitória de Deus sobre o desencadeamento último do mal, que fará sua esposa descer do céu. (Cf. Ap 13,8). Catecismo da Igreja Católica. São Paulo: Loyola, 2000. n.677 p.195.

Nesse sentido, do ponto de vista teológico a atuação materna de Maria expressa o compromisso permanente com a comunidade cristã. A maternidade de Maria eleva a humanidade ao grau de perfeição, e aponta os caminhos da justiça, solidariedade e paz. Atualmente, compreende-se a maternidade de Maria como a efusão da graça eclesial. Por isso, o risco que corre as comunidades de fé e os movimentos eclesiais é perder a centralidade de Cristo, mediante aos valores hodiernos que lhes são propostos. Para resguardar tais preceitos, os documentos da Igreja ressaltam a importância da mediação materna de Maria como fonte cooperadora da graça. Isto é, “Maria coopera de maneira admirável nessa mediação, mas não é em sentido estrito, mediadora”. (Lumen Gentium 60-62). A maternidade de Maria a insere na comunidade cristã, e explicitamente aponta a caminho para o seguimento de seu filho Jesus. Sendo assim, a encarnação de Jesus consiste na aceitação de Maria – toda de Deus e humana. Portanto, a maternidade de Maria abre uma série de reflexões e possibilidades contemporâneas. O autor, Afonso Murad afirma:

Maria-mãe é referência simbólica e efetiva para todo ser humano, homem ou mulher, chamado a cuidar das relações humanas e a zelar pela “lei da vida” no nosso planeta. Há uma analogia entre Maria-mãe e a maternidade planetária. Todo ser humano é intrinsecamente filho e mãe, mesmo que não gere e nutra um outro ser humano. Somos filhos e amigos da Terra. Dela recebemos os nutrientes, o ar, a energia, e estabelecemos múltiplas relações com todos os seres humanos. (MURAD, p.147)

No entanto, Maria é a fonte principal do mistério do reino de Deus, por ela o reino é instaurado, e pela encarnação de seu filho Jesus é inaugurado. A encarnação, portanto, aconteceu nela, na sua pessoa, através de sua humanidade frágil. Maria acolhe em seu ventre o redentor, verdadeiro homem e verdadeiro Deus. No entanto, através da Igreja e, sob a ação do Espírito Santo a realização humana caminha ao encontro da eternidade.

3 MARIA: UMA CORRENTE ECLESOTÍPICA A PARTIR DO CONCÍLIO VATICANO II.

3.1 MARIA NA OBRA DA REDENÇÃO

O papel fundamental de Maria na obra de redenção expressa a figura de Jesus (Cristotípica) e da Igreja (Eclesiotípica). Jesus é referência de Maria. E, Maria é protótipo da Igreja. Ou seja, a obra da redenção teve início no ventre de Maria, adentrou a história da humanidade e foi reconhecida e reinaugurada pela Igreja. Sendo assim, o Magistério da Santa

Igreja, no Concílio Vaticano II, apresenta Maria como modelo de virtudes²⁴. Através de Maria, a Igreja encontra a perfeição, sem mancha ou mácula alguma. Os fiéis ainda têm de trabalhar para vencer o pecado e crescer na santidade; e por isso levantam os olhos para Maria, que brilha como modelo de virtudes sobre toda a família dos eleitos (*Lumen Gentium*, 65).

Maria, participa do mistério do reino de Deus, desejo do pai. Iniciado por Jesus Cristo e historicamente constituído pela Igreja através da Ação do Espírito Santo que conduz a eternidade plena. No entanto, o estudo da teologia quando imersa na Mariologia nos auxilia na compreensão da obra da criação e redenção, pois toda criação é afetada pela humanização de Deus. Por isso, a função de Maria não pode ser compreendida fora da história da salvação.

A Mariologia é um complemento necessário da doutrina dos mistérios da Encarnação e da Redenção, e além disso, é necessária para compreender a obra da criação, da predestinação, e do governo, por ser a Santíssima Virgem a primeira criatura elevada acima dos demais. (MERKELBACH, 1954, p.31)

Sendo assim, a Igreja representa figura de Maria, gera os seus filhos por meio do batismo e a insere no contexto da fé. Nessa relação Maria – Igreja, consiste a maternidade virginal de Maria e a função da Igreja nos tempos atuais. Ou seja, Maria gera um Filho, e a Igreja gera vários filhos. Existe uma relação filial e maternal de Maria para com a Igreja, assim como da Igreja para com seus fiéis. Maria é, portanto, o elo de ligação entre a divino e o humano, o real e o abstrato. O conhecimento de Maria leva-nos ao conhecimento do Filho, e o conhecimento do Filho nos transporta aos olhos do Pai.

3.2 MARIA FIGURA DA IGREJA

A Igreja é mistério de Sacramento da salvação de Deus no mundo. O mistério revela a presença de Deus, porém não se esgota. Em Maria, pode-se encontrar a resposta para o que é Igreja, pois nela está o mistério, a peregrinação da fé e o que a Igreja será na sua pátria definitiva, no fim de sua caminhada terrena. Por isso, depois de apresentar Maria no mistério de Cristo, cabe-nos ressaltar o seu lugar no mistério da Igreja²⁵, pois a função de Maria em relação a Igreja está associada a união de Cristo na obra da salvação. Isto é, depois da ressurreição de seu Filho, Maria presenciou através de suas perspectivas de fé aos começos da Igreja.

²⁴ A virtude é uma disposição habitual e firme para fazer o bem. Permite a pessoa não só praticar atos bons, mas dar o melhor de si. (CIC 1803).

²⁵ “Maria se sobressai entre (esses) humildes e pobres do Senhor, que dele esperam e recebem com confiança a Salvação. Com ela, Filha de Sião por excelência, depois de uma demorada espera da promessa, completam-se os tempos e se instaura a nova economia” (CIC 489).

Aderindo a vontade do Pai, a obra redentora do Filho e a todas as graças do Espírito, Maria torna-se para a Igreja o modelo da fé e da caridade. Ocupa um lugar eminente e inteiramente singular na Igreja. Porém, a sua função no plano salvífico, considerando a Igreja e toda humanidade, vai além dos valores terrenos. Abrange de maneira significativos os valores da fé, esperança e caridade, afim de restaurar almas e a vida sobrenatural. Entretanto, a Igreja a declara *Master et Magistra et Dommina* – Mãe, Mestra e Senhora. Por intermédio de Maria, a Igreja torna-se mãe, gera o homem, suscita a fé e os sacramentos, e oferece os dons da palavra de Deus.

O Concílio Vaticano II procura resgatar a figura de Maria do Primeiro Milênio: Maria: A Mãe de Cristo. O documento da Igreja afirma: “Querendo Deus, na Sua infinita benignidade e sabedoria, levar a cabo a redenção do mundo, «ao chegar a plenitude dos tempos, enviou Seu Filho, nascido de mulher, a fim de recebermos a filiação adoptiva» (Gál. 4, 4-5). Por amor de nós, homens, e para nossa salvação, desceu dos céus e encarnou na Virgem Maria, por obra e graça do Espírito Santo. Este divino mistério da salvação é-nos relevado e continua na Igreja, instituída pelo Senhor como Seu corpo; nela, os fiéis, aderindo à cabeça que é Cristo, e em comunhão com todos os santos, devem também venerar a memória «em primeiro lugar da gloriosa sempre Virgem Maria Mãe do nosso Deus e Senhor, Jesus Cristo. (Lumen Gentium 52-54).

Podemos perceber que na história da salvação a figura feminina aparece como eixo teológico, exalta-se a fé, a virtude e a justiça humana. Por isso, a Igreja apresenta-a como Mãe, pois em si própria existe o sentido teológico, histórico e espiritual. As escrituras mostram Jesus chamando-a de “Mulher”, e os discípulos de Jesus, nesse caso João, a chama de “Mãe”. Aqui está a máxima da teologia fundamental: o antigo prepara o novo, para que o novo se revele no “agora”, tempo atual. O objetivo do evangelista João é interpretar Maria a partir de uma visão teológica-espiritual. Nota-se que Maria não tem nome, mas título. Ao chamar pelo nome “Maria” se reconhece a sua própria identidade. Ou seja, dizer que ela é Mãe significa estabelecer uma relação, designar sua função. No entanto, a função de Maria é uma atitude de discípulo. Isto é, estar próximo, perto.

A Igreja, portanto, possui a missão comunicadora da fé. A igreja descobre sua identidade em Maria. A cruz de Cristo gera uma nova família e apresenta a Igreja em nível escatológico, propícia a combater o mal e proteger os seus filhos. O discurso sobre Maria não é independente, ele ilumina o que é ser Igreja, na qual representa o “Corpo de Cristo”. Como

afirmara Santo Agostinho²⁶ em seus Sermões: “Maria é santa, Maria é bem-aventurada. Mas é mais importante a Igreja do que a Virgem Maria. Porquê? Porque Maria é uma parte da Igreja, membro santo, membro excelente, membro supereminente, mas apesar disso membro do corpo total. Se é membro do corpo, é certamente mais o corpo do que o membro. (SERMO 25,7-8: PL 46, 937-938). A Igreja nasce em Jesus na história. A pessoa de Jesus é o fundador da Igreja. Maria é a cooperadora da graça, a que constituiu os parâmetros estruturais da Igreja em si. No entanto, a missão da Igreja consiste em ser mistério e comunhão, Igreja de cristandade, Igreja original e aberta aos sinais dos tempos, linha de força eclesiológica. Contudo, compete a Igreja criar, organizar um mundo novo. A Igreja deve ser sociedade perfeita, visível e organizada; comunidade que crê nas verdades reveladas. Mediadora entre Deus e o mundo, sinal de salvação e comunhão de fraternidade.

3.3 A DEVOÇÃO MARIANA

O Concílio Vaticano II, reconhece a figura de Maria como discípula e Mestre, exemplo de discipulado e de crescimento na fé. Esse fato, mostra que sua humanidade contribuiu intensa e inevitavelmente para a construção da Igreja de Cristo – Católica Apostólica e Romana. Assim, o estudo Mariológico, em conjunto com a Cristologia e a Eclesiológia, apresenta duas perspectivas que adentram aos fragmentos da devoção mariana: os dogmas e o magistério. Entende-se por dogmas – formulação, comissão das verdades reveladas (Escritura, Tradição, Palavra de Deus). Enquanto, o Magistério apresenta a interpretação ao tempo da autenticidade da fé, tem-se por protagonistas os bispos e a própria Igreja que em conjunto elaboram os documentos necessários para defender a fé e as demandas do povo de Deus.

Os dogmas estão fundamentados na Escritura e na Tradição. Para falar de Tradição deve-se retomar a Patrística, como para ler as Escrituras utiliza-se a Bíblia – expressão do amor de Cristo pela Igreja. Ambos foram inspirados por Deus e entregues aos homens de fé. Nesse sentido, o Concílio Vaticano II para afirmar as verdades sobre Maria adere ao *Sensus fidei*²⁷ e

²⁶ Agostinho é considerado por muitos o patriarca mais importante da Igreja e, provavelmente, o mais conhecido devido à sua obra Confissões, um relato pessoal de sua conversão ao cristianismo. Ele nasceu no norte da África, de pai pagão e mãe cristã. Quando jovem adulto, era um seguidor dos ensinamentos pagãos gregos. Porém foi tocado por sermões de Ambrósio e, mais tarde, foi estimulado por uma voz a ler Romanos 13:13,14, o que o levou à fé salvadora. Agostinho passou a adotar um estilo de vida muito simples, vendendo todos os seus bens e dedicando seus dons a Jesus. Ele foi nomeado presbítero da igreja de Hipona no ano 391 e elevado a bispo quatro anos depois. Agostinho se tornou o líder espiritual da Igreja Ocidental; seus ensinamentos podem ser encontrados em seus numerosos tratados, sermões e em A cidade de Deus, escrito em resposta ao saque de Roma no ano 410 d.C.

²⁷ O *Sensus Fidei* - sentido da fé dos fiéis é uma espécie de instinto espiritual que capacita o crente a julgar espontaneamente se um ensino ou prática particular está ou não em conformidade com

*Sensus Fidelium*²⁸, pois reconhecem o povo de Deus enquanto expressão e matéria de fé. Entretanto, alguns documentos conciliares apresentam noções do *Sensus Fidei*, sendo eles, a *Lumen Gentium*²⁹ 12a, 35a e a *Presbyterorum Ordinis*³⁰9b. Dentre eles, destaca-se a *Lumen Gentium* 52-54, intitulado “A Bem-aventurada Virgem Maria, no mistério de Cristo e da Igreja”, a Exortação Apostólica do Papa Paulo VI – *Marialis Cultus*, que retrata “A reta ordenação e desenvolvimento ao culto a Bem-aventurada Virgem Maria, e a Carta Encíclica *Redemptoris Mater* que apresenta Maria no mistério de Cristo a caminho da vida na Igreja peregrina.

Baseado em tais referências cabe-nos ressaltar outros documentos importantes para a compreensão da função de Maria no projeto de salvação e na vida da Igreja, a fim de apresentá-la como ícone e Mistério de Cristo. O CELAM³¹ – Conselho Episcopal Latino-Americano, apresenta de maneira sucinta elementos que emergem de Maria e perpassa a vida da Igreja: o dom, a abertura ao diálogo, a resposta fundamentada e a fidelidade. O documento CELAM, apresenta a figura de Maria como Mãe de Jesus na América Latina, como também Mãe dos cristãos, modelo de discípula e mulher libertadora. Diante das mudanças, transformações religiosas, culturais, sociais e tecnológicas a Igreja deve respostas evangélicas, resguardando a dignidade do povo de Deus, e para isso, apresenta Maria na devoção popular. No entanto, pode-se dizer que Maria é a Mãe materna dos cristãos, ícone do discipulado e modelo de evangelização libertadora.

o **Evangelho** e com a fé apostólica. O ‘**sensus fidei** dá intuições quanto ao caminho certo perante as incertezas e ambiguidades da história, e uma capacidade para escutar com discernimento ao que a cultura humana e o progresso das ciências estão dizendo.

²⁸ O *Sensus Fidelium* (senso dos fiéis), tem sentido objetivo, referindo-se não ao crente enquanto indivíduo, mas àquilo que é crido. Trata-se de uma função doutrinal, ao lado da teologia e magistério. Diz respeito ao conjunto dos fiéis. É, portanto algo objetivo, comunitário, eclesial.

²⁹ *Lumen Gentium* (*Luz dos Povos*) é um dos mais importantes textos do Concílio Vaticano II. O texto desta constituição dogmática foi demoradamente discutido durante a segunda sessão do Concílio. O seu tema é a natureza e a constituição da Igreja, não só enquanto instituição, mas também como corpo místico de Cristo

³⁰ *Presbyterorum Ordinis* com o subtítulo “Decreto sobre o ministério e a vida dos sacerdotes”, é um dos documentos produzidos pelo Concílio Vaticano II. Em 7 de dezembro de 1965, o documento foi promulgado pelo Papa Paulo VI, após uma votação de 2.390 a 4 votos de aprovação entre os bispos reunidos.

³¹ O Conselho Episcopal Latino-Americano (CELAM) é um organismo da Igreja Católica fundado em 1955 pelo Papa Pio XII a pedido dos bispos da América Latina e do Caribe. O CELAM presta serviços de contato, comunhão, formação, pesquisa e reflexão às 22 conferências episcopais que se situam desde o México até o Cabo de Hornos, incluindo o Caribe e as Antilhas. Seus dirigentes são eleitos a cada quatro anos por uma assembleia ordinária que reúne os presidentes das conferências episcopais da América Latina e do Caribe. A sede do CELAM está localizada na cidade de Santa Fé de Bogotá, na Colômbia. (Link: https://pt.wikipedia.org/wiki/Conselho_Episcopal_Latino-Americano).

O Documento de Aparecida³² apresenta Maria na figura da Igreja como peregrina na fé. A Igreja é Mãe, Maria é a palavra encarnada, solidariedade dos povos, afetuosa para com as mulheres. O documento em si mostra-nos o projeto trinitário, eixo fundamental do discipulado, que abrange a formação dos consagrados e dos presbíteros. Os textos são de natureza teológico doutrinal, os bispos são os redatores. Os conteúdos são destinados ao Povo de Deus, ou seja, todos os homens e mulheres. O objetivo do documento é proporcionar o ânimo aos fiéis, motivação e alegria. Isto é, a partir da perspectiva da fé, chamar e desafiar para a ação pastoral. O projeto trinitário expresso nos textos do documento confirma, renova e revitaliza a religiosidade popular, a devoção mariana e/ou popular, a evangelização e a missão; fatores que auxiliam na proposta digna da vida humana frente os desafios históricos sociais.

No entanto, o Concílio Vaticano II, insiste na fé em Maria. O Papa João Paulo II em sua Encíclica mariana *Redemptoris Mater*³³, faz um apelo a fé e a devoção mariana. Apresenta a grande contribuição de Maria no mistério da salvação e aprofunda o conhecimento do mistério da Igreja. A encíclica faz um retorno a mariologia dos antigos Padres da Igreja, como por exemplo, Santo Agostinho que diz: “Ora, até a própria bem-aventurada Virgem Maria, ao crer, concebeu a quem deu à luz crendo... Depois que o anjo falou, ela, cheia de fé (fide plena), concebendo a Cristo antes no coração que no ventre, respondeu: Eis aqui a Serva do Senhor, faça-se em mim segundo a vossa palavra”³⁴.

Contudo, Maria na devoção popular aparece como Mãe dos crentes. A figura de Maria possui caráter ecumênico, contribuindo para a aproximação dos povos, católicos e protestantes, raças, línguas e nações. Sendo assim, o conceito da mediação de Maria na obra da salvação unifica o mistério entre Maria e a Igreja, Cristo e a Trindade, criaturas e Criador.

³² Com abertura da carta do Papa Bento XVI, o Documento de Aparecida, como é chamado, trata de diversos temas de interesse de todos os católicos, como a família, a evangelização no século XXI, a dignidade humana, as relações entre a Igreja e a sociedade globalizada, entre outros. Como o próprio documento afirma, “a V Conferência do Episcopado latino-americano e Caribenho é novo passo no caminho da Igreja, especialmente a partir do Concílio Ecumênico Vaticano II. (Link: <https://anec.org.br/biblioteca/documento-de-aparecida-2007/>)

³³ A encíclica, *Redemptoris Mater – A Mãe do Redentor*, tem um lugar bem preciso no plano da salvação, porque, «ao chegar a plenitude dos tempos, Deus enviou o seu Filho, nascido duma mulher, nascido sob a Lei, a fim de resgatar os que estavam sujeitos à Lei e para que nós recebêssemos a adoção de filhos. E porque vós sois filhos, Deus enviou aos nossos corações o Espírito do seu Filho, que clama: “Abbá Pai” (Gál 4, 4-6). Com estas palavras do Apóstolo São Paulo, que são referidas pelo Concílio Vaticano II no início da sua exposição sobre a Bem-aventurada Virgem Maria. Desejo também eu começar a minha reflexão sobre o significado que Maria tem no mistério de Cristo e sobre a sua presença activa e exemplar na vida da Igreja. Trata-se, de facto, de palavras que celebram conjuntamente o amor do Pai, a missão do Filho, o dom do Espírito Santo, a mulher da qual nasceu o Redentor e a nossa filiação divina, no mistério da plenitude dos tempos.(Link:http://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf_jp-ii_enc_25031987_redemptoris-mater.html).

³⁴ Santo Agostinho, *Discorsi*, 215, 4 (PL, 38,1074)

Atualmente, a mariologia abre espaço para novos títulos destinado a figura de Maria, novas devoções, como também expressa na figura de Maria a misericórdia de Deus. Maria é invocada como *Mater misericordie* – Mãe da misericórdia. É reconhecida como a porta da misericórdia, pois ela foi a porta pela qual Jesus entrou no mundo, e é agora a mesma porta na qual nós entramos na misericórdia de Deus. Por isso, a devoção mariana torna-se o fio condutor que une os cristãos a Deus, por intermédio de Maria. Portanto, a função de Maria no projeto de salvação consiste na unificação dos povos que testemunham a misericórdia de Deus.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considero profundamente importante os resultados aqui obtidos através da análise das obras e dos conceitos teológicos e mariológicos apresentados. A teologia enquanto reflexão sobre a fé, mostra-nos a força e o poder do conhecimento da revelação. Além dos conceitos oriundos da pesquisa teológica, verdade, justiça, solidariedade e amor aparecem como fontes primordiais da revelação. No entanto, a palavra é imprescindível a revelação pessoal, histórica, social e cultural. Do ponto de vista sociológico, a revelação ocupa um lugar prioritário no campo institucional, sendo ele: comunitário e eclesial. Portanto, ambas instituições devem ater-se a ordem política organizacional, a fim de que a revelação possa transparecer imaneamente ativa. Assim, o estudo aqui realizado abrange todas as áreas da teologia, como: a teologia fundamental, a teologia bíblica, a teologia moral, a teologia sistemática e dogmática. Porém, o foco do trabalho consiste na Mariologia, estudo sistemático sobre a Mãe de Jesus, a Virgem Maria.

O tema: “*Maria: ícone do mistério de Cristo*”, envolve, portanto, o estudo da palavra de Deus, a Tradição da Igreja, os Santos Padres, o Magistério, a teologia e a fé. Com base na eclesiologia, compreende-se “*a função de Maria no projeto de salvação*” e partir dos documentos do Concílio Vaticano II, é possível dialogar com a sociedade frente a sua contemporaneidade. O documento que enraizou o tema em si e proporcionou maior influência das questões aqui levantadas foi a *Lumen Gentium*, pois permitiu uma investigação concreta sobre a vida de Maria e seu significado salvífico. Portanto, pode-se dizer que Maria é “*ícone do mistério*”, porque participa da obra da criação e abre as portas para adentrarmos nesse mesmo mistério, sem deixar de vivenciar os propósitos religiosos, sociais e culturais. Sendo assim, o termo “*ícone*” aqui expresso, já não é apenas uma imagem ou ilustração figurativa, mas um sinal de encarnação, presença real da eternidade que oferece aos olhos uma mensagem espiritual, na qual tais palavras, ainda que ocultas ao silêncio do coração, transcende-nos ao Eterno.

Contudo, o estudo sobre Maria na atualidade compreende a inserção do autor nas linhas rizomáticas e espirituais teológicas, que em sua perspectiva de análise pretende apresentar ao leitor uma proposta transformadora do mundo em comunhão com a realidade eclesiológica. Assim, a religião, a sociedade e a cultura são fundamentais para compreender a figura de Maria enquanto Mãe de Deus e Mãe Nossa. Em Maria, está a beleza do Criador e das criaturas, os seus olhos são esperança para o mundo.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

AMORTH, Gabriele. **O Evangelho de Maria: a mulher que venceu o mal**. 1ed. São Paulo: Lucerna, 2012.

BÍBLIA – **Bíblia de Jerusalém**. São Paulo: Paulus, 2012.

BOFF, C. **O cotidiano de Maria de Nazaré**. 2ed. São Paulo: Salesiana, 2009.

CANTALAMESSA, Raniero. **Maria, um espelho para a Igreja**. Aparecida: Santuário, 1992.

CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. **Edição típica vaticana**. São Paulo: Loyola, 2000.

CELAM. **Documento de Aparecida: V Conferência Geral do Episcopado latino-americano e Caribe**. São Paulo: Paulus, 2007.

FORTE, Bruno. **María, la mujer icono del misterio. Ensayo de mariología simbólico-narrativa**. Salamanca: Sígueme, 1993.

GRESHAKE, Gisbert. Biblioteca di teologia contemporanea. **Maria – Ecclesia: Prospettive di una teologia e una prassi ecclesiale fondata in senso mariano**. Brescia, Queriniana, 2017.

JOÃO PAULO II. **Carta encíclica. Redemptoris Mater**. São Paulo: Paulinas, 1999

JOÃO PAULO II. **Catecismo da Igreja Católica**. São Paulo: Edições Loyola, Paulus, 1999.

MERKELBACH, Benito Enrique. **Mariologia: tratado de la Santissima Virgen Maria Madre de Dios y Mediadora entre Dios y los hombres**. Bilbao: Desclée de Brower Y Co., 1954.

MURAD, Afonso. **Maria: Toda de Deus e tão humana**. Compêndio de Mariologia. São Paulo, Santuário, 2012.

PAREDES, José Cristo Rey Garcia. **Mariologia: Síntese bíblica, histórica e sistemática**. São Paulo: Ave Maria, 2011.

PAULO VI. **Exortação apostólica. Marialis cultus**. São Paulo: Paulinas, 1970

PIÉ-NINOT, S. **Introdução à Eclesiologia**. 4 ed. São Paulo: Loyola, 2008.

QUEIRUGA, Andrés Torres. **Repensar a revelação: A revelação divina na revelação humana.** São Paulo: Paulinas, 2010.

VATICANO II. **Constituição dogmática “Lumen Gentium”** (21 nov. 1964). In: Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II. São Paulo: Paulus, 2001.